



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

TAÍSE MOTA DOS ANJOS

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA:
A ESCOLA E A COMUNIDADE NOVA CONQUISTA,
ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO-BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

TAÍSE MOTA DOS ANJOS

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA:
A ESCOLA E A COMUNIDADE NOVA CONQUISTA,
ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO-BA**

Projeto de pesquisa apresentado para aprovação na disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

TAÍSE MOTA DOS ANJOS

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA:
A ESCOLA E A COMUNIDADE NOVA CONQUISTA,
ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO-BA**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus dos Malês.

Aprovado em: 03 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Gacia Basso (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfôr

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DA PESQUISA	6
3	OBJETIVOS	7
3.1	GERAL	7
3.2	ESPECÍFICOS	7
4	JUSTIFICATIVA	7
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
6	METODOLOGIA	11
7	CRONOGRAMA	12
	REFERÊNCIAS	13

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste projeto de pesquisa é investigar a criação do Centro Educacional Municipal Professora Isabel Coelho, na Comunidade Nova Conquista, zona rural do município de Santo Amaro-BA. A ideia nasceu do meu interesse em investigar e entender a história de meu avô Miguel Arcanjo Mota, contada por ele e várias outras pessoas mais velhas e moradoras da comunidade.

Miguel Arcanjo Mota nasceu no município de Serrinha-BA em 29/09/1926, aprendeu a ler e escrever assistindo as aulas da janela da sala em que suas irmãs estudavam. Ele era o irmão mais velho, responsável em levá-las à escola e tinha que aguardar, pois a distância entre a escola e a casa deles era muito longa. Decidiu então, usar esse tempo livre para aprender alguma coisa, em suas experiências na escola com suas irmãs acabou aprendendo a ler e a escrever.

Na década de 1970, com pouco mais de quarenta anos, violeiro e locutor de rádio, meu avô decidiu se radicar no município de Santo Amaro – Recôncavo Baiano, contratado como assistente administrativo da Usina Açucareira Aliança. Miguel Arcanjo se casou pela primeira vez com Maria das Dores, que já tinha uma filha chamada Francisca Maria Martin de Melo. Ela ficou morando temporariamente na casa de familiares em Salvador, e quando nasceu a sua irmã e primeira filha do casal Dorilda Maria Mota Ferreira, trouxeram Francisca para Santo Amaro. Anos depois, nasceu Antônio de Jesus Mota, fruto de um relacionamento extra-conjugal.

Após alguns anos, Dona Maria das Dores faleceu e meu avô como funcionário administrativo na Usina Açucareira Aliança, ficou responsável por uma parte dos pagamentos dos trabalhadores da empresa, bem como com a função de registrar e contabilizar os montantes dos cortes diários de cana de açúcar. Já ambientado na região, Miguel Arcanjo agora viúvo e com dois filhos, conheceu Maria Ferreira de Santana no povoado chamado de Mata do Pé Leve, que ficava a 12 km de Subaé, casaram-se e tiveram 5 filhos, Jussara, Miguel, Valdelice, Cirio Antonio e Judite de Santana Mota.

Na década de 1990, a Usina Açucareira Aliança, declarou falência alegando que não tinha condições financeiras de pagar seus funcionários e as rescisões contratuais que lhes eram de direito. Nesse impasse, meu avô conseguiu intermediar uma negociação entre os proprietários da Usina e os trabalhadores, que conseguiram um acordo em que a empresa se comprometia a doar a cada um dos trabalhadores 1 lote de doze tarefas de terra, como pagamento pela rescisão contratual de trabalho. Oitenta lotes foram distribuídos e a propriedade da terra foi transferida, essas famílias começaram a plantar para garantir o seu sustento e se organizaram em uma

Associação de Moradores, para que juntos pudessem pressionar os órgãos públicos, em busca de parcerias por sementes como feijão, milho, amendoim, mandioca, aipim, para que as famílias plantassem, cobrando dos poderes públicos municipais e estaduais, o auxílio para a construção de uma casa de farinha, em um terreno também doado pela Usina Aliança para que a comunidade pudessem produzir farinha e beijú.

Por meio da Associação de moradores, muitas doações chegaram à comunidade como: materiais de construção, areia, blocos, telhas e cimento para que as famílias construíssem suas casas, antes feitas de taipa com riscos frequentes de proliferação de barbeiros e doenças. Como a quantidade de crianças era grande na comunidade, meu avô, propôs aos integrantes da associação de moradores a construção de uma escola, doando parte de seu terreno para que a mesma fosse construída, garantindo assim, o acesso à educação para que crianças, jovens e adultos.

Ele acreditava que através da educação vidas pudessem ser transformadas. Doou ainda, um terreno ao lado da escola para a construção da sede da associação dos moradores rurais. Essa trajetória de luta, despertou em mim o desejo de mergulhar ainda mais na história da minha comunidade, buscando identificar outras pessoas, outros personagens, outras vozes que também construíram suas casas na Comunidade Nova Conquista, antiga “Mata do Pé Leve”.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

A história da criação do Centro Educacional Municipal Professora Isabel Coelho está intimamente ligada à formação da Comunidade Nova Conquista, à criação da Associação de Moradores e à história de personagens como meu avô, minha avó, meus tios e tias entre outras famílias e moradores da minha comunidade. Procurar entender um pouco mais sobre essas trajetórias de vida, me parece um caminho para compreender a vida da minha comunidade, suas identidades culturais, suas origens e sua história.

Nesse sentido, esta pesquisa buscará investigar como foi que se deu o processo legal para construção da unidade escolar Isabel Coelho? Qual foi inicialmente a estrutura física da unidade escolar? Como a comunidade recebeu a construção da Escola Isabel Coelho, despertou expectativas? Se sim, quais? Como a antiga comunidade “Mata do Pé Leve” se viu transformada em Comunidade Nova Conquista? Porque o nome da escola é Isabel Coelho? Como se dava a formação dos professores dessa comunidade? Como essa comunidade hoje, vê e representa a presença da escola na vida dos moradores?

3 OBJETIVOS

Um dos objetivos centrais desta pesquisa se refere à representação da escola e da alfabetização para a Comunidade Nova Conquista. Examinar como estudantes crianças, jovens, adultos e idosos percebem o trabalho desenvolvido na escola. Num âmbito mais específico a investigação visa:

3.1 GERAL

- Trabalhar com a memória da comunidade de Nova Conquista, e a importância da educação a partir da construção da Escola Municipal Professora Isabel Coelho.

3.2 ESPECÍFICOS

- Analisar a importância e os significados da Escola Municipal Professora Isabel Coelho para a comunidade de Nova Conquista.
- Reconstruir a história da Escola com base nos relatos de memória de seus alunos, pais, professores e funcionários.

4 JUSTIFICATIVA

O presente projeto de pesquisa *Entre Memória e História: Trajetórias de Vidas e Escola na Comunidade Nova Conquista, Zona Rural de Santo Amaro-BA*, terá como foco, investigar e descrever a história desta comunidade e a construção da Escola Municipal Professora Isabel Coelho. No plano pessoal, a pesquisa proposta é de inestimada relevância, pois trata-se da história da minha comunidade, podendo assim recuperar a memória dos acontecimentos e mobilizações que levaram à construção da Escola Municipal Professora Isabel Coelho. Proponho este estudo, com vistas a contribuir com a memória e da história dessa comunidade e suas lutas, e a importância da educação como instrumento de transformação.

Desde o século XIX, as narrativas de vida e as biografias eram um tipo de produção historiográfica muito afeita ao que havia de mais tradicional no que poderíamos chamar de oficina do historiador: descritiva, factual, circunscrita ao âmbito do Estado e dedicada ao elogio dos “grandes homens” construtores das nações, como reis, militares, políticos, diplomatas, entre

outros. Homens apenas, pois, porque a história tradicional não considerava a possibilidade de existirem “grandes mulheres”, lavradoras, comerciantes e ganhadeiras, gente simples ligadas ao mundo do trabalho. Mais ainda, as histórias dos homens que a História contava, eram quase sempre homens, brancos, ricos ou poderosos.

A novidade veio nos anos 1980, mais precisamente em sua segunda metade, quando historiadores europeus reconhecidos internacionalmente publicaram biografias, a exemplo de George Duby (1987), Carlo Ginzburg (1987), Jacques Le Goff (1999) e Christopher Hill (1988). Uma mudança, sem dúvida, na prática historiográfica. É verdade que a biografia de Oliver Cromwell, escrita por Christopher Hill é de 1970. Mas foi em meados dos anos 1980 que as biografias entraram na oficina do historiador, compreendidas naquele momento como gênero legítimo e, mesmo, necessárias para conhecer a história das sociedades do passado e do tempo presente. Muito contribuiu para a retomada do gênero biográfico o interesse renovado pela História Política, pela História Cultural e pelos avanços da metodologia em História Oral (FERREIRA; CARLONI, 2019, p. 8).

Eles retomaram as histórias de vidas, mas não à moda tradicional – factual e dedicada aos grandes homens. Retornaram de outra maneira, considerando as críticas realizadas anteriormente ao gênero tradicional. Por exemplo, ao escreverem biografias mantiveram o horizonte da “história como problema”, permitindo assim superar a biografia tradicional, cronológica, meramente narrativa. Também superaram a maneira elitista de estudar o passado porque não se tratava de escrever tão-somente sobre os “grandes homens”, mas também a história de vida de operários, escravos, ex-escravos, entre outros, revelando conflitos e transgressões a sistemas normativos impostos a eles.

Outra preocupação relevante dos estudos de trajetórias e narrativas de vidas servem para introduzir o elemento conflitual na explicação histórica, para ilustrar, matizar, complexificar, relativizar ou mesmo negar as análises generalizantes que excluem as diferenças em nome da regularidade e das continuidades. Essa nova tradição historiográfica concorda que o estudo do percurso de um indivíduo pode abrir perspectivas para compreender a dinâmica da sociedade em que ele viveu. Esse caminho de pesquisa, exige do pesquisador trabalhar na articulação entre dois marcos temporais: o da trajetória de um indivíduo e o do tempo social e histórico em que ele está inserido e vivenciando suas experiências.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa se insere na tradição dos estudos historiográficos das instituições escolares da História da Educação, para tanto, categorias como memória e experiência tornam-

se fundamentais para este tipo de investigação, bem como as noções de conflito, resistência, cultura, economia moral, costume e formação que ocupam um lugar central na obra de Edward Palmer Thompson, que compreende um conjunto fecundo de conceitos e noções capazes de conferir à escola e a seus agentes um papel destacado na organização da cultura. Esta para Thompson, está definida como um conceito descritivo, seja como atitudes, valores, artefatos e significados, a cultura é entendida como um lugar de transmissão de habilidades e produção de sensibilidades, sempre cortada pela noção de reciprocidade. Para o autor, mesmo os indivíduos singulares estão marcados por horizontes históricos inescapáveis, para ele “somos agentes voluntários de nossas próprias determinações involuntárias” (1981, p. 101).

Em contrapartida, o historiador inglês combate a renitente tese da determinação absoluta, ao conferir aos diferentes grupos e indivíduos alguma possibilidade de manobra diante da “jaula flexível” que nos oferece a cultura. “Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em suas experiências dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência” (THOMPSON, 1981, p. 111). Portanto, buscar “pensar educação a partir da experiência” é uma perspectiva de análise que transforma a prática educativa em “algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou uma prática” (LARROSA, 2019, p. 12). Para tanto, tomamos a noção de experiência como algo “que nos passa, o que acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2019, p. 18).

Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positivista e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica. De fato, somente nesta última perspectiva tem sentido a palavra “reflexão” e expressões “reflexão crítica”, “reflexão sobre a prática ou não prática”, reflexão emancipadora” (LARROSA, 2019, p. 15, 16).

Nessa direção, a categoria de experiência torna-se fundamental para neste estudo, estabelecermos objetividade aos indivíduos como sujeitos históricos de “carne e osso”, que choram e riem, sentem dor e prazer, raiva e alegria, que se apropriam das mais diversas tentativas e formas de conformação ou resistem a elas. Tais fenômenos tornam a experiência “uma categoria que por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento (THOMPSON, 1981, p. 101).

A concepção de memória é outra noção essencial para este estudo, pois se existem lembranças e remiscências a serem acessadas, logo existe também uma história por parte dos indivíduos que relembra, associado a uma determinada cultura num determinado espaço de tempo. Nas culturas das sociedades orais ou predominantemente orais, “a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

Segundo Souza (2007), a memória e a história de vida não estão apenas relacionadas a subjetividade do indivíduo selecionado para a pesquisa, para além dele existem fatores históricos e culturais que envolve essa trajetória, relatada através do ponto de vista de quem a vivenciou, a memória está associada ao esquecimento no sentido de que, se esquecemos algo a qualquer momento pode vir a memória a partir de alguma referência ou um objeto, logo por meio do diálogo com uma pessoa que viveu uma certa trajetória de vida, podemos fazer com que esse indivíduo possa recordar momentos históricos de sua vida, que até então estavam esquecidos, promovendo assim uma reflexão e auto-reflexão sobre sua história de vida.

De modo geral, pensamos na memória como uma faculdade individual. Contudo, selecionamos um certo número de estudos que embasarão o trabalho com os relatos de memória que serão recolhidos por esta pesquisa, que apontam a existência de uma memória colectiva ou social”¹. Nesse sentido, “o esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto” mas o fato do indivíduo recordar acontecimentos de sua vida, não é a garantia que o entrevistador saberá de tudo, o sujeito pode filtrar algumas informações e decidir falar ou não, “ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o ‘dizível’ da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida”, sendo assim, o entrevistado é o protagonista principal de sua história SOUZA (2007, p. 67).

Este estudo se servirá de outras referências historiográficas da história social e cultural, como Peter Burke (2004, 2010), Edward Palmer Thompson (1998) e Reinhart Koselleck (2006), que nos fornecem conceitos e métodos de abordagem documental fundamentais para os propósitos desta pesquisa, tais como oralidade e cultura popular tradicional, experiência e expectativa, além de formas de tratamento do acervo documental imagético que este estudo buscará trabalhar.

¹ Os autores que foram destacados para o estudo sobre a memória são: Alberti (2004a, 2004b), Bosi (1987), Nora (1993), Ferreira; Amado (1996), Thompson P. (1992), Sarlo (1995), Halbwachs (2006), Worcman; Perreira (2006), Souza; Lima (2022).

6 METODOLOGIA

As fontes documentais que irão embasar esta pesquisa estarão fundamentadas em uma coleta de depoimentos orais, bem como fotografias de acervos particulares dessa comunidade, atas de reuniões comunitárias e documentos que registram a fundação e a vida institucional da Escola Municipal Professora Isabel Coelho, entrevistas com ex-funcionários, ex-alunos e moradores da comunidade que tiveram vivência na escola. Para tanto, o paradigma indiciário do historiador italiano Carlo Ginzburg é a principal referência metodológica desta pesquisa que, propõe uma redução da escala de observação e um estudo intensivo do material documental, para a busca de indícios e sinais relevantes. O historiador não deve desvalorizar detalhes, palavras ou gestos aparentemente sem importância, pois eles podem revelar pistas a serem seguidas pela investigação.

A microanálise proposta por Ginzburg valoriza o conhecimento dos elementos individuais e não o seu ajuste a uma categoria ou generalização teórica mais ampla, dirige e acentua o foco analítico nas vidas e nos acontecimentos individuais, assim como procura não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral.

A pesquisa não se encontra ajustada a uma teoria preconcebida, toda ação social é vista como o resultado de constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, oferece sempre possibilidades de interpretações. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

O caminho da micro-história é tomado aqui, procurando, numa escala reduzida, atingir uma *reconstituição do vivido, impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se a indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula* (GINZBURG, 1989, p.177, 178). O privado, o pessoal, o vivido se propõe como objeto de pesquisa, mais ainda, constitui-se no fio de Ariadne que guia o investigador no labirinto documental e “que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas” (GINZBURG, 1989, p.174). O elemento particular, específico e individual representa um ponto de partida, e a partir dele identificam-se significados à luz do contexto.

Esse método narrativo cabe em qualquer estudo de trajetória, pois qualquer um vive em certo contexto, imediato ou mais amplo, do qual fazem parte outros indivíduos mais ou menos próximos. No entanto, além de iluminar muitos aspectos de experiências de vida específicas, “elas servem como guia para conhecer uma época, uma sociedade e em particular os homens e

mulheres que compunham as redes de relações a que pertenciam os biografados, com suas diferenças étnicas, suas hierarquias sociais e econômicas, suas instituições e práticas culturais” (REIS, 2008, p. 17).

7 CRONOGRAMA

Tabela com o período da pesquisa e o planejamento de tempo do estudo.

ATIVIDADES DE PESQUISA TCC 1. TCC 2 e TCC 3	2023/2024											
	1° Mês	2° Mês	3° Mês	4° Mês	5° Mês	6° Mês	7° Mês	8° Mês	9° Mês	10° Mês	11° Mês	12° Mês
TCC 1 – Realização das entrevistas e transcrição, coleta de outras fontes documentais, tais como fotografias de arquivos pessoais, documentos oficiais e institucionais.							X	X		X	X	X
TCC 2 – Estudo e análise das fontes		X	X	X	X							
TCC 3 – Escrita de monografia ou artigo							X	X	X	X	X	

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004a.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004b.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru – SP: EDUSC, 2004.
- DUBY, George. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FERREIRA, Jorge. CARLONI, Karla. **A república no Brasil: trajetórias de vidas entre a democracia e ditadura**. Niteroi: Eduff, 2019.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: Ki –Zerbo, Joseph. **História geral da África, In: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, p 167 - 212.
- HILL, Christopher. **Os eleitores de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Tradução: Yara Khoury. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginadas**. São Paulo: Edusp, 1995.

SOUSA, F. R; LIMA, L. M. G. História oral e educação popular: reflexões sobre metodologia e práticas de pesquisa pautadas no diálogo e na escuta sensível. **História oral**, v. 25, n.2, p. 135-152, jul./dez. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. p. 59-74, Salvador, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Orgs.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.